

CONSTRUIRNE

arquitetura | tecnologias | mercado | índices | preços de insumos | custos de serviços (só para assinantes)

■ **ENTREVISTA**
PIETRO PALLADINO

O papa da luz acende um olhar para o futuro

■ **CIMENTO**
Expansão para atender à demanda

■ **VIDA SUSTENTÁVEL**
Resíduos da construção: há um lugar para eles

GLAMOUR EM PEDRA E CAL

Restauração reaviva o Chanteclair,
ícone da arquitetura do Recife Antigo

ISSN 1677-8642



9 771677 864028

57



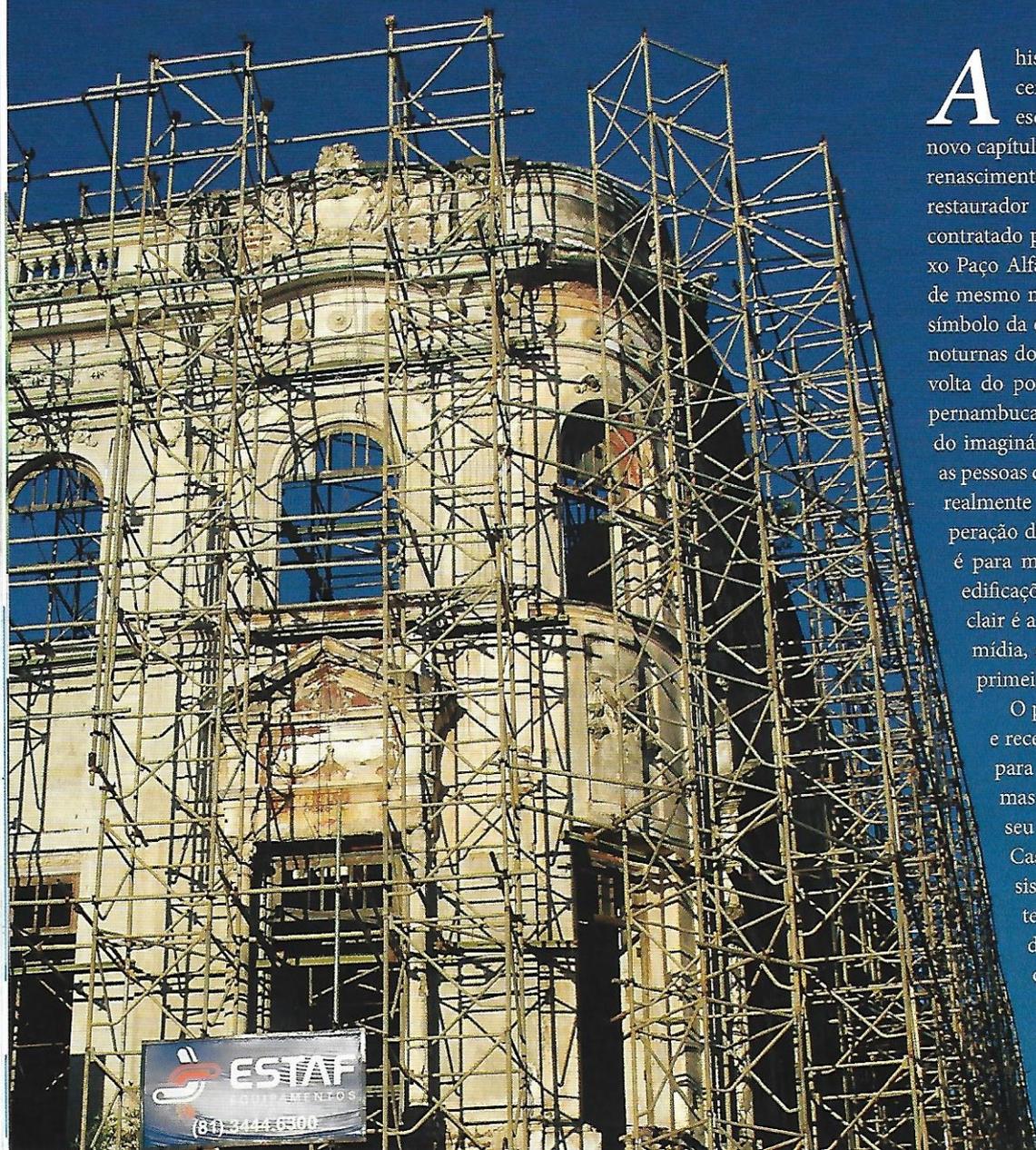
Editora
NE BRASIL

R\$ 12,90 | € 5,60

CHANTECLAIR DE VOLTA À CENA

Um dos mais emblemáticos prédios antigos do Bairro do Recife será finalmente restaurado, mas os investidores não revelam seu destino

EDILSON VIEIRA



A história do edifício Chanteclair é cercada de anonimato, *glamour*, esquecimento e persistência. Um novo capítulo está sendo escrito - o do seu renascimento - pelas mãos do arquiteto e restaurador pernambucano Jorge Passos, contratado pelos investidores do Complexo Paço Alfândega (que inclui o *shopping* de mesmo nome) para devolver a vida ao símbolo da era de ouro das maiores festas noturnas do Bairro do Recife, surgido em volta do porto que deu origem à capital pernambucana. “O Chanteclair já faz parte do imaginário da cidade; não são poucas as pessoas que me procuram para saber se realmente estamos trabalhando na recuperação do prédio”, diz o arquiteto. Não é para menos. Entre todas as grandes edificações do Recife Antigo, o Chanteclair é a que mais ganhou destaque na mídia, desde que foi anunciada a sua primeira restauração, em 2001.

O prédio começou a ser estudado e recebeu as primeiras intervenções para restauro há mais de dez anos, mas a empresa que o arrendou do seu antigo proprietário, a Santa Casa de Misericórdia, acabou desistindo da empreitada. O Chanteclair chegou a ser desapropriado pela Prefeitura do Recife, que alardeou sua restauração e transformação em centro

O objetivo inicial do investidor é devolver ao Recife uma parte do seu passado (...) Estamos fazendo isso com absoluto respeito à história da cidade



Vista aérea do centro do Recife, no início do século XX. No detalhe, o Chanteclair

cultural no final de 2007. Mais uma vez a obra começou e parou logo no início.

Em novembro de 2010, a Jorge Passos Restauro assumiu a restauração das fachadas e a cobertura da obra, como determinou o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) e o Ministério Público federal aos novos responsáveis pelo Complexo Paço Alfândega. “Fomos contratados para estancar o processo de degradação do prédio”, revela o arquiteto. Pode parecer algo simples, mas o que está acontecendo por baixo da tela verde que envolve o Chanteclair é um minucioso trabalho de reviver o passado do antigo prédio, reproduzindo o máximo possível de suas características originais.

O mais novo capítulo da história do Chanteclair começou em 2001, com o levantamento do mapa de danos por Jorge Passos, incluindo a análise laboratorial das patologias existentes. “Já naquela época, levantamos a situação de degradação do prédio e suas condições de restauro, catalogando todos os detalhes estruturais e arquitetônicos”, explica o arquiteto. A primeira constatação foi que o prédio não ameaçava desabar, como chegou a ser propagado, mas a sua fachada, bastante deteriorada pela ação da maresia próxima ao porto do Recife, estava se degradando e ruía aos poucos.

Como não havia nenhum documento histórico ou planta da época da construção

(estimada nas primeiras décadas do século XX), foi realizado um mapeamento minucioso para entender o ritmo do prédio, com a identificação e repetição dos elementos decorativos, visto que o Chanteclair apresentava uma estucaria sofisticada para um edifício que tinha uma ocupação originalmente residencial e comercial.

O prédio apresenta uma curiosa constituição: são seis células habitacionais de três pavimentos mais o térreo, ocupando todo um quarteirão, com fachada única de estilo eclético. Assim, foram catalogados 733 ornatos integrados, ou seja, que fazem parte da estrutura, e 2.500 m² aplicados, 106 janelas, 130 portas, 1.180 ferrolhos, 2.622 dobradiças e 57 grades de ferro fundido. O sistema construtivo é de alvenaria, com tijolos maciços, lajes e varandas em concreto armado.

OFICINA DE ESTUCARIA

Jorge Passos gosta de lembrar que o trabalho de recuperação e produção dessa vasta gama de ornatos só está sendo possível porque boa parte do material foi retirada das ruínas e guardada em depósitos, desde o primeiro estudo, há dez anos. “Pela observação dos ornatos originais, podemos reconstituir as peças faltantes ou incompletas”, diz o arquiteto. Para isto, foi montada uma oficina de restauro no próprio canteiro de obras, onde todos os ornatos são

reconstruídos manualmente por artesãos especializados em estucaria. É a arte de produzir ornamentos arquitetônicos usando formas, registrada desde o Antigo Egito. Cada modelo de ornato (pinhões, jarrões, caracóis) é reconstituído em seu tamanho e formato originais, com todos os detalhes. A partir dessas peças, faz-se um molde de gesso que servirá como forma para a reprodução de novos ornatos. É um trabalho que exige paciência, atenção e capricho do artesão. Alguns moldes são revestidos com silicone, o que permite maior riqueza de detalhes. As peças, que variam de menos de 30 centímetros a três metros de altura, são confeccionadas com argamassa e muitas ganham reforço de estruturas em ferro galvanizado. Foi montada também uma pequena central para produzir três tipos de argamassa (emboço, reboco e massa única). Não haverá lugar para a moderna massa acrílica - o acabamento das paredes será feito com argamassa de areia finíssima e cal, como era no início do século passado.

Por conta da proximidade do mar e da ação direta da maresia, o arquiteto substituiu a estrutura da cobertura original em peroba-do-campo por estruturas metálicas de aço com tratamento anticorrosivo. “Estamos recuperando o prédio para resistir ao tempo. Não havia sentido reproduzir a cobertura original em madeira, reconhecidamente menos resistente. Optamos pela ➤



Moldes em silicone ajudam a detalhar ornatos

Alexandre Albuquerque

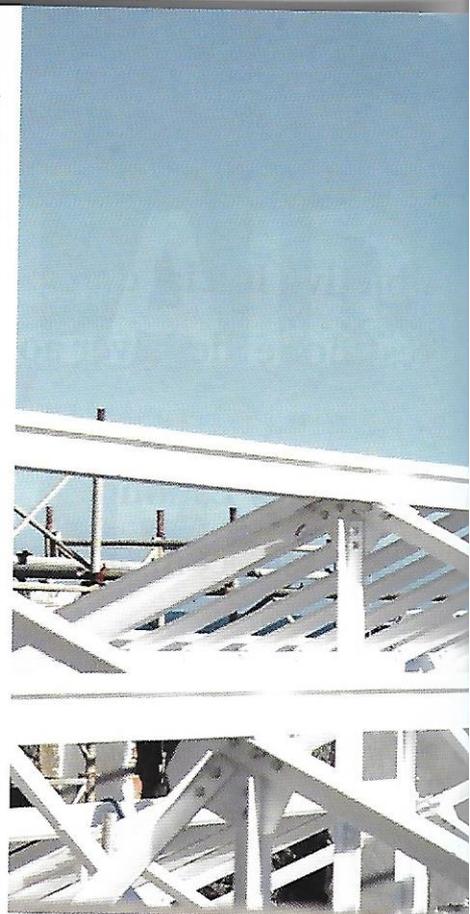


Ilustração 3D | Jorge Passos Restauro

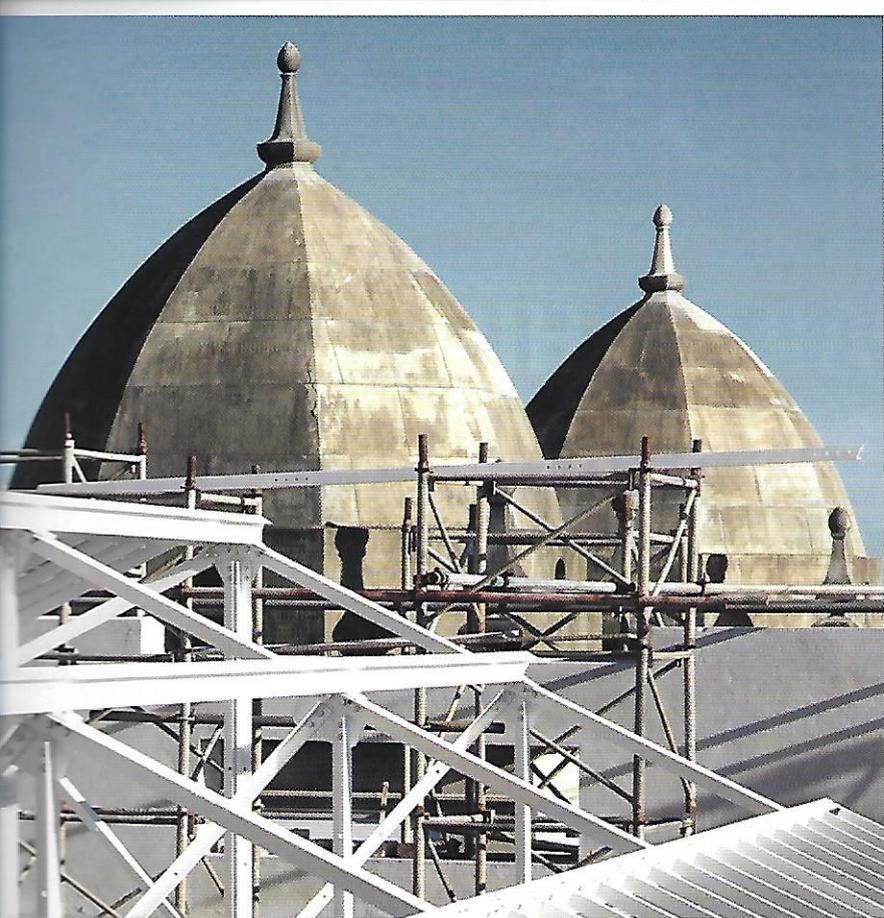
estrutura de aço e a coberta será semelhante à original, em telhas francesas”, revela o arquiteto. O curioso é que boa parte da linha central da estrutura em madeira original, retirada da coberta, será aproveitada em algumas das novas esquadrias, que seguem o desenho original das portas e janelas aplicadas no Chanteclair.

PÁGINAS ARRANCADAS

Percorrer a obra do edifício Chanteclair é como folhear um livro antigo do qual foram arrancadas as primeiras páginas. Não há registros da sua construção, estimando-se que tenha sido erguido no final do século XIX ou início do século XX, quando o Bairro do Recife sofreu uma alteração radical em sua estrutura para a expansão do porto, sendo abertas novas ruas em sentido radial e partindo de um ponto central – o Marco Zero da cidade. Daí surgiram novos e imponentes prédios, seguindo a tendência dos bairros planejados das principais cidades da Europa à época.

A ocupação inicial era prioritariamente residencial, nos três andares superiores, e comercial, no térreo – provavelmente

Projeção do Chanteclair após a reforma



Alexandre Albuquerque



Alexandre Albuquerque

Cobertura ganhou estrutura em aço galvanizado

Jorge Passos: torniquete contra a degradação

formada por escritórios alfandegários e armazéns comerciais. O prédio só adotou o nome que tem hoje nos anos 40, no período da Segunda Guerra, de acordo com o historiador e jornalista Leonardo Dantas Silva, quando ali passou a funcionar a boate Chanteclair – na escrita original. Nesses tempos, o Bairro do Recife recebia não só os militares ávidos por diversão, mas os ricos e boêmios da capital recifense, a então principal cidade do Nordeste.

Mas se faltam registros históricos, nas paredes do antigo casarão é possível encontrar vestígios desses 100 anos de existência. A cor original era uma espécie de ocre, a ser atualizada seguindo o estudo feito pelos restauradores. As pinturas, pichações, azulejos, escadarias e mesmo interferências mais grosseiras – como a introdução de colunas no interior do andar térreo de um dos módulos – revelam, de maneira própria, a trajetória do prédio: endereço residencial de trabalhadores dos escritórios alfandegários, em um primeiro momento; salões de festa, bares e restaurantes, nas décadas de 40 e 50; e pensões baratas e prostíbulos, entre os anos 60 e 80, quando apenas o andar térreo tinha algum valor comercial. Nele

funcionavam uma lanchonete, uma loja de ferragens, uma agência bancária e o lendário restaurante Gambirinus, o último locatário a deixar o prédio, em 2000, depois de 70 anos de atividade no local.

Coordenar o trabalho de cerca de 45 homens movendo-se no intrincado interior do prédio não é fácil. Ainda mais com o emaranhado de quase 4.500m² de andaimes, que servem de reforço estrutural, e plataformas de trabalho, tudo visando à segurança dos trabalhadores e à integridade do prédio.

“O Chanteclair não ameaça desabar, mas o prédio tem um equilíbrio próprio, que foi alterado ao longo de todos esses anos com elementos estranhos ao seu projeto original, tais como a abertura de passagens internas, a divisão de andares com inclusão de novos pisos e a troca de esquadrias de madeira por basculantes”, declara o arquiteto, que decidiu sistematizar o trabalho com a criação de frentes de ataque. Em comparação com uma obra comercial, uma obra de restauração tem um tempo diferente de execução. A do Chanteclair não é diferente, mesmo trabalhando com o prazo de 18 meses para entrega. Enquanto um grupo encarrega-se do reforço e da montagem dos andaimes,

outro produz o material necessário para a obra e mais outro trata da restauração propriamente dita, com aplicação de ornatos, colocação de esquadrias e acabamento. Assim, em pouco mais de quatro meses de trabalho, já é possível encontrar, em parte da fachada, uma amostra de como será a nova estampa do velho Chanteclair.

A nova empresa investidora, responsável pelo arrendamento do prédio, não divulga qual será a utilização do Chanteclair depois de restaurado. No escritório regional do Iphan, há um projeto aprovado durante a primeira tentativa de restauração, para funcionamento de um centro cultural no local com bares, café, restaurante e salas de exibição de filmes ou anfiteatro. Não se sabe se o novo investidor irá adotar este projeto ou apresentar um outro, mas seja qual for o destino dado ao novo Chanteclair, a cidade já tem o que comemorar. “O objetivo inicial do investidor é devolver ao Recife uma parte do seu passado, um prédio que é uma das portas de entrada do conjunto arquitetônico histórico do bairro. Estamos fazendo isso com absoluto respeito à história da cidade”, conclui o restaurador Jorge Passos. NE